

RÔMULO JACKSON DA SILVA

APESAR DO QUE ME RESTA:
AUTOBIOGRAFIA, MEMÓRIA E BORDADO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARTES
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

RÔMULO JACKSON DA SILVA

APESAR DO QUE ME RESTA:
AUTOBIOGRAFIA, MEMÓRIA E BORDADO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em Artes
Visuais, pela Universidade Federal de
Pernambuco.

Orientador(a): Luciana Borre

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Rômulo Jackson da.

APESAR DO QUE ME RESTA: autobiografia, memória e bordado / Rômulo Jackson da Silva. - Recife, 2024.

41 p. : il.

Orientador(a): Luciana Borre Nunes

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Licenciatura, 2024.
Inclui referências.

1. Arte Têxtil. 2. Autobiografia. 3. Processo de Criação . 4. Memória . 5. Luto. I. Nunes, Luciana Borre. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

APESAR DO QUE ME RESTA:
AUTOBIOGRAFIA, MEMÓRIA E BORDADO.

COMISSÃO EXAMINADORA

Dr. Luciana Borre Nunes (Professora Artes Visuais UFPE- Orientadora)

Dr. Maria Betânia e Silva (Professora Artes Visuais UFPE - Examinadora Interna)

Clara Nogueira de Carvalho (Mestra em Artes Visuais - Examinadora Externa)

Aprovado em ____/____/____

Para minha mãe, minha maior inspiração. Sua presença sempre foi meu farol, mesmo nos momentos difíceis. Com sua força, carinho e dedicação, me ensinou o que é amor e sacrifício. Cada página deste trabalho tem um pedaço de sua memória, e cada conquista é por você. Sua ausência dói, mas a lembrança do seu afeto, das suas palavras e do seu abraço me dá força para seguir. Dedico este trabalho a você, mainha, que acreditou em mim quando nem eu acreditei, que esteve comigo em cada passo, e que, mesmo longe, ainda me inspira todos os dias. Com todo o meu amor, hoje e sempre.

RESUMO

A principal finalidade desta pesquisa de conclusão de curso foi registrar e analisar as possibilidades de representação da memória autobiográfica a partir dos processos de criação em Artes Visuais. Para isto, como objeto de estudo foram desenvolvidos dois trabalhos artísticos em bordado: 'Apesar do que me resta' e 'Acreditava em mim', relacionando as temáticas da memória e do luto. A metodologia utilizada durante minhas ações enquanto artista e pesquisador em artes visuais foi a abordagem autobiográfica. A primeira parte deste estudo foi realizada em 2022, durante os meses de maio e setembro, junto ao Projeto de ensino, pesquisa e extensão "Tramações" (4a edição), promovido pelo Departamento de Artes, da Universidade Federal de Pernambuco. A segunda parte foi retomada em 2024 e consiste em um aprofundamento temático, considerando a análise de duas pinturas autorais em acrílico e a produção de uma nova composição, na qual retrato minha mãe. Ao concluir este estudo, percebo que a abordagem autobiográfica na arte possibilita expressar e registrar memórias pessoais. Além disso, ela cria um espaço de reflexão sobre as experiências de luto e memória, oferecendo ao público e aos leitores a oportunidade de se conectar com essas temáticas de forma significativa.

Palavras-Chave: Artes Visuais. Arte Têxtil. Autobiografia. Processo de Criação. Memória. Luto.

ABSTRACT

The main aim of this Undergraduate thesis research was to record and analyze the possibilities of representing autobiographical memory through the creation processes in Visual Arts' field. To this end, two embroidery artworks were developed as the subject of study: "In spite of what I have left" and "She believed in me", relating the themes of memory, mourning and grief. The methodology used during my actions as an artist and researcher in Visual Arts was the autobiographical approach. The first part of this study was carried out in 2022, during the months of May and September, as a part of the "Tramações" (4th edition) teaching, research and extension project, promoted by the Arts Department at the Federal University of Pernambuco. The second part was resumed in 2024 and consists of a thematic deepening, considering the analysis of two authorial acrylic paintings and the production of a new composition in which I portray my mother. In conclusion of this study, I realize that the autobiographical approach in art makes it possible to express and record personal memories. Besides, it creates a space for reflection on the experiences of grief, mourning and memory, offering the public and readers the opportunity to connect with these themes in a meaningful way.

Keywords: Visual Arts. Textile Art. Autobiography. Creation Process. Memory. Mourning. Grief.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 – PROCESSO DE CRIAÇÃO.....	11
1.1 - O QUE RESTOU.....	11
1.2 - EU NUNCA PERCO.....	14
1.3 - MEMÓRIA EM LUTO.....	18
2 – SOBRE O CAMPO DAS ARTES.....	19
2.1 - A HERANÇA CRIATIVA.....	20
2.2 - AUTOBIOGRAFIA NAS ARTES.....	21
2.3 - MEMÓRIA.....	27
3 – CAMPO DAS POSSIBILIDADES.....	33
3.1 - POSSIBILIDADES DE CRIAÇÃO.....	33
3.2 - POSSIBILIDADES DA MEMÓRIA.....	35
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Este trabalho¹ foi instigado a partir da minha participação no “Tramações”, um projeto de pesquisa, ensino e extensão, oferecido pelo Departamento de Artes da Universidade Federal de Pernambuco, em sua 4ª edição, que aconteceu entre os meses de maio a setembro no ano de 2022. Tinha como proposta possibilitar uma relação entre prática criativa em artes visuais, artes têxteis e memória. Os encontros aconteceram presencialmente no Centro Cultural Benfica, viabilizando a troca entre professores, estudantes, extensionistas e interessados externos com o propósito de construir um ambiente seguro para os processos de criação autobiográficos dentro do campo da memória. Como culminância desse projeto, essa união resultou na exposição coletiva “Tramações: não é tempo de pontos finais”, que ocupou o Memorial de Medicina e Cultura de Pernambuco entre os meses de outubro e novembro de 2022, reunindo todos os trabalhos artísticos desenvolvidos dentro do projeto, cerca de 50 obras entre bordados, instalações, crochê e performances. Foi a primeira exposição coletiva que tive a oportunidade de participar, com as obras “Apesar do que me resta” e “Acreditava em mim”.

Quando entrei no projeto passei a questionar os objetivos das minhas produções e compreendi que sempre falei sobre memória, mesmo nas tramas da invisibilidade. A construção da minha poética artística é fundamentada intrinsecamente pelas minhas memórias afetivas, pois elas sempre nortearam os meus trabalhos. Durante o meu tempo no curso de licenciatura tive muita afinidade com as práticas artísticas, principalmente com as técnicas de pintura. Desde 2018, quando ingressei na universidade, me vi construindo um trabalho cada vez mais completo e em ressonância com meu campo subjetivo. Através da externalização de sentimentos, sensações e memórias, pude compartilhar com o mundo tudo aquilo que me atravessa e me inspira. Esse exercício resultou em uma série de pinturas, algumas dentro do gênero de natureza-morta, que agrupam e registram elementos populares de consumo que fazem parte da minha rotina na periferia do Recife. No capítulo dois desta pesquisa trago uma análise de duas pinturas produzidas em 2020. Desde então,

¹ A primeira parte do trabalho foi publicada no ano de 2024, no livro ‘Tramações: Narrativa têxteis e memoriais (4ª edição)’. Disponível em <<https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/890>> Ver em Silva (2024)

meu acervo carrega um potencial comunicativo que se aproxima afetivamente do público, através de composições que sensibilizam e geram identificação. Meu trabalho, nesse sentido, é marcado por ajudar a preservar a memória coletiva da população periférica recifense, surgindo assim o caráter social das pinturas.

Essa trajetória, direcionada ao projeto, facilitou o processo criativo das obras apresentadas neste trabalho sob à luz da memória e me trouxe a possibilidade de refletir sobre a minha poética dentro do campo teórico. Após escrever e publicar um capítulo do livro 'Tramações: Narrativa têxteis e memoriais (4ª edição)'², abordando esses processos, retomo essa pesquisa a fim de ampliar meu repertório investigativo e poético para analisar de forma mais profunda as possibilidades de criações artísticas pautadas na memória e na ausência.

Portanto, este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar as possibilidades de representação da memória autobiográfica a partir da criação em Artes Visuais. Desde o início da minha trajetória artística, as memórias afetivas e as perdas que vivenciei, especialmente a morte da minha mãe, têm desempenhado um papel central na minha produção. Com base nessa experiência pessoal, este TCC busca explorar como essas lembranças e emoções podem ser articuladas através da arte. Para fundamentar esta pesquisa, apoio-me em dois teóricos essenciais: Pierre Nora (1931) e Maurice Halbwachs (1877-1945). Nora, com seu conceito de *Lugares da Memória* (1993), oferece uma base sólida para entender como a memória se materializa em espaços, objetos e práticas culturais, sendo essas expressões importantes na construção de identidades coletivas e individuais. Por outro lado, Halbwachs, com sua teoria da *Memória Coletiva* (1990), contribui para a compreensão de como as lembranças são socialmente construídas e compartilhadas, influenciando a forma como indivíduos e grupos se relacionam com o passado.

Ao longo deste trabalho, apresento três capítulos que exploram diferentes dimensões da memória e do luto em minha prática artística. No primeiro capítulo, descrevo o processo criativo no projeto 'Tramações', onde as perdas e ausências que

² Tramações: Narrativa têxteis e memoriais (4ª edição) - O livro lançado em 2024, foi um desdobramento dos processos de pesquisas em artes visuais como culminância do projeto de extensão 'Tramações' da UFPE.

marcaram minha vida, especialmente a morte de minha mãe, são o ponto de partida para a criação artística. No segundo capítulo, investigo a relação entre memória, autobiografia e arte, trazendo reflexões teóricas e a análise de duas pinturas autorais: "Pratinho" e "Tempo Perdido", onde abordo as memórias afetivas da infância de forma poética. Exploro como essas experiências pessoais podem se transformar em obras que dialogam com o coletivo. Por fim, no terceiro capítulo, investigo as possibilidades da memória autobiográfica nas artes visuais, destacando a produção de mais uma obra que ressoa com experiências compartilhadas sobre a ausência e a paternidade.

Esse TCC não é apenas um estudo teórico, é também um processo de autoconhecimento e de ressignificação das minhas vivências. Através dele, busco compreender melhor minha própria trajetória e contribuir para que outras pessoas possam encontrar na arte uma forma de expressar e elaborar suas próprias histórias, dores e saudades.

1 - PROCESSO DE CRIAÇÃO

Este Capítulo descreve o meu processo criativo no projeto 'Tramações', explorando as memórias das perdas e ausências que marcaram minha vida. Utilizo fotografias recortadas do arquivo pessoal de minha mãe como ponto de partida para refletir sobre memórias e luto. Ver minha mãe partir, em 19 de agosto de 2021, foi uma das piores experiências que vivi até hoje. Ela conseguia suprir a falta que eu sentia do meu pai, sendo uma mãe extraordinária. Sua ausência me deixou inseguro, com medo e cheio de incertezas. Essa experiência de luto me fez recordar momentos de minha infância, como a perda de meu avô, e a maneira como minha mãe lidou com aquela ausência. Essas lembranças e afetividades associadas ao luto desempenham um papel fundamental na construção de minha poética. Em projetos como "Tramações", a memória e a conexão com os signos de perda e ausência se entrelaçam com minha criação artística. Recorro frequentemente às lembranças de infância como experiências vividas que influenciam diretamente a maneira como elaboro e ressignifico minhas perdas através da arte. Agora, minhas memórias são centrais no meu processo criativo, influenciando minhas produções e inspirando reflexões sobre o que resta em nós após a morte.

1.1 - O QUE RESTOU

Apesar do que me resta é um projeto que traz à memória as perdas e ausências que sofremos ao longo da vida. As fotografias recortadas do arquivo pessoal da minha mãe são pontos iniciais para o desenvolvimento dessa narrativa. A obra se constrói a partir de dois retratos, impressos em tamanho A3, por meio dos quais a presença do meu pai é recortada das imagens, sugerindo um apagamento da existência dele na memória e vida da minha mãe. O projeto é uma reflexão sobre como o luto e a ausência reflete e influencia a minha experiência de vida (Silva, 2024).

O processo criativo foi feito com a intervenção do bordado no papel impresso em canvas com as fotos. As linhas usadas para traçar os pontos do bordado foram as mesmas linhas que minha mãe usava para realizar seus trabalhos em crochê. A ideia se baseia em ocupar o espaço vazio deixado pela ausência de meu pai com os traçados de lã, que, ludicamente, representa o esforço que minha mãe fazia para não me deixar faltar nada e para que a ausência dele não fosse tão refletida na minha caminhada. Como exemplo, a obra ilustrada pela Figura 1.

Figura 1: Obra 'Apesar do que me resta', bordado sobre impressão canvas, 2022.



Fonte: Arquivo da pesquisa, produção autoral, fotografia original de Walton Ribeiro, Recife, 2022.

Conforme ilustra a Figura 1, a obra tem uma frase bordada, 'Apesar do que me resta', essa frase que também é o título do trabalho representa uma observação do que sobra do outro em mim – nesse caso, dos meus pais.

Também é uma reflexão do que deixamos aqui quando partimos. Quais são os resquícios de nós e da nossa passagem por aqui que vamos deixar no armário e pela casa? Mainha me deixou todas as cartas que escrevemos juntos e guardou meus dentes que caíram e alguns desenhos que fiz. Ela também deixou uma caixa cheia de linhas, lãs, agulhas e peças de crochê inacabadas. Acreditava em mim, frase bordada no segundo trabalho (figura 2), reforça a importância de uma figura materna em minha vida, impulsionando e acreditando nos meus projetos.

Figura 2: Obra 'Acreditava em mim', bordado sobre impressão canva.



Fonte: Arquivo da pesquisa, produção autoral, fotografia original de Walton Ribeiro, Recife, 2022.

1.2 - EU NUNCA PERCO

“Eu nunca perco: ou eu ganho ou aprendo.” Esta famosa frase de Nelson Mandela (1918-2013) frequentemente aparece em nossas timelines do Instagram e provoca uma reflexão interessante. O sentido dessa frase me intriga, pois sugere que, mesmo nas derrotas, sempre há uma oportunidade de aprendizado. Compreendo que, ao enfrentarmos perdas ao longo da vida, podemos adquirir lições que tornam nossa experiência na Terra menos dolorosa. É inegável que a perda é uma parte inevitável da vida; nem sempre ficaremos em primeiro lugar. Diante disso, surgem duas questões fundamentais: o que podemos aprender com as nossas perdas? E como podemos encontrar mecanismos para aliviar o sofrimento que elas nos causam?

Para a psicóloga brasileira Thaiana Brotto (2018, s. p.), “[...] o ser humano tem um conflito interessante: ele tem medo de perder algo que perderá de qualquer maneira. E isso gera uma preocupação tão grande que vivemos em função de algo que não temos controle e acabamos por perder um tempo precioso de vida e felicidade”. As perdas nos fazem lembrar que não estamos no controle; menos ainda em um mundo que, por não oferecer garantias sobre nossas vontades perante a vida, torna-se um lugar hostil para vivermos, colocando em cena a fragilidade da nossa existência. Definitivamente, as perdas nos demonstram a natureza da vida e a natureza humana.

Eu sempre perco. Já perdi caneta, já perdi um celular quando tinha 16 anos, já perdi o horário do ônibus e me atrasei para a aula de Matemática, já perdi o apetite e passei horas sem me alimentar. Eu sempre perco, mas nem sempre essas perdas transformam a minha vida a longo prazo e me colocam em estado de luto, considerando o luto como um conjunto de reações a uma perda significativa. Quanto maior o apego ao objeto perdido (que pode ser uma pessoa, animal, fase da vida, status social etc.), maior o sofrimento do luto (BOWLBY, 1984). O luto define-se como um processo, uma travessia, um percurso, e não um estado. É vivenciado por cada

pessoa de uma forma diferente e influenciado pela cultura, pelo meio em que se está inserido e pelo próprio contexto da perda.

Talvez a primeira perda que mexeu muito comigo e com minha expectativa de futuro foi a separação dos meus pais. Perda é sinônimo de ausência, e o distanciamento do meu pai da minha rotina, logo após a separação, foi muito frustrante. Sempre fazíamos questão de estar juntos. Lembro da gente maratonando os filmes do Harry Potter em casa, em que mainha fazia pipoca e painho comprava o refrigerante. Também saíamos bastante – em restaurantes aos fins de semana, parque nas tardes de folga. Isso tudo acabou com a separação e meu pai ficava cada vez mais distante. Ele fez muita falta na minha formatura do ABC, por exemplo, não porque ele era ocupado, mas porque, possivelmente, ele era displicente com quem deveria amar e cuidar.

Eu ainda era muito pequeno para racionalizar de forma madura o que havia acontecido entre os meus pais, e, por algum tempo, ainda cultivava em mim a esperança de que tudo voltaria a ser como antes. Acompanhei de perto o processo de luto de mainha com a separação e o artifício que ela optou para lidar com a perda do casamento foi de recortar a figura do ex-marido (meu pai) de todas as fotos reveladas dos dois juntos (figuras 3 e 4), provavelmente com o intuito de materializar o desejo de apagar da memória tudo que foi vivido durante o casamento. Entretanto, será que isso era eficaz?

Mainha ainda lembrava muito do meu pai, mesmo depois de anos separados. E por ser fruto da união dos dois, vez ou outra ela dizia que eu me parecia bastante com ele – não só fisicamente, mas também em algumas atitudes. Isso me deixava chateado porque eu não queria ser semelhante a alguém displicente com os seus. Durante todo esse tempo, desde a minha infância, quando ocorreu o término, minha mãe não encontrou mais ninguém a ponto de selar um compromisso. Parecia guardar muitas mágoas do antigo casamento, o que me fazia suspeitar do fato de ela ter realmente enfrentado o luto de forma consciente e superado a separação. Eu já estava conformado com o fim daquela relação e já tinha concordado que o divórcio era mesmo a melhor opção, mesmo sentindo falta dele.

Figura 3: Retrato de arquivo pessoal.



Fonte: Arquivo da pesquisa, produção autoral. (2022)

Figura 4: Retrato de arquivo pessoal.



Fonte: Arquivo da pesquisa, produção autoral. (2022)

1.3 - MEMÓRIA EM LUTO

Mainha se foi no dia 19 de agosto de 2021 e essa tem sido a pior perda da minha vida até o momento. Ela conseguia suprir a falta que eu tinha do meu pai e ainda conseguia ser uma mãe extraordinária. Perder ela tem sido uma experiência de medo, insegurança e incerteza. Ela era meu porto seguro e agora me sinto em um mar bravo sem esperança da “terra à vista”.

No dia do ocorrido, lembro que minha mãe não tinha tido uma boa noite de sono. Ela acordou mal-humorada se queixando de dores na cabeça. Eu seguia para a minha primeira semana no estágio e estava animado. Quando larguei, peguei o caminho de volta para casa e, ao dobrar a rua, percebi uma movimentação estranha em frente a nossa residência. Lá estavam meus tios e alguns vizinhos. Nesse momento, recebo a notícia de que minha mãe tinha sido encaminhada para o hospital e, até aquele momento, a notícia não era tão alarmante, porque ela já havia sido levada outras diversas vezes por problemas de hipertensão. Imaginei que aquele seria mais um daqueles casos e que logo ela estaria de volta em casa. Já no ambulatório, fiquei aguardando a chegada da ambulância porque mainha seria encaminhada para outro hospital de referência para avaliar o seu caso. Porém, dessa vez foi mais grave: o diagnóstico foi de um acidente vascular cerebral (AVC). Ela perdeu toda função e movimento do corpo e ficaria somente mais dois dias em observação, até não resistir e vir a óbito.

Depois do velório, o processo de luto me fez recordar de um outro momento na minha infância: o falecimento do meu avô, pai da minha mãe. Eu era muito pequeno – acredito que tinha por volta dos sete anos. Parecia que a mesma coisa estava se repetindo: meu avô tinha sido internado e não resistiu à enfermidade. O velório foi no terraço de casa e minha mãe tinha ido trabalhar no dia, não tendo recebido a notícia do falecimento do pai no momento. Lembrando disso, me vem muito claro à memória a imagem de ela dobrando a rua, percebendo a movimentação estranha na frente de casa e, em seguida, desabando de chorar na esquina, por já entender o que estava acontecendo.

É interessante pensar em como a memória atua nesses casos. Segundo a artista plástica brasileira Fayga Ostrower (1920-2001) “[...] nossa memória seria, portanto, uma lembrança não-factual. Uma recordação de vida vivida. Sempre com novas interligações e configurações, abertas às associações ”. (1987, p. 15)

Ao considerar essa afirmação, percebo que, no meu processo criativo, a memória exerce um protagonismo. Sempre recorro às lembranças da infância, de momentos importantes e relevantes no íntimo das minhas experiências e contextos de vida. Também as afetividades, interligadas às recordações, desempenham um papel fundamental no processo de aprendizagem e criação.

Supõe-se que os processos de memória se baseiam na ativação de certos contextos e não em fatos isolados, embora os fatos possam ser lembrados. É o caso de conteúdos de ordem afetiva e de estados de ânimo, alegria, tristeza, medo, que caracterizariam determinadas situações de vida do indivíduo. De um ponto de vista operacional, à memória corresponderia uma retenção de dados já interligados em conteúdos vivenciais. Assim, circunstâncias novas e por vezes dissimilares poderiam reavivar um conteúdo anterior, se existirem fatores em relacionamentos análogos ao da situação original (OSTROWER, 1987, p. 15).

Pensando nisso, durante o projeto Tramações, a memória do luto também se associou ao meu processo de criação, o que auxiliou na construção da poética e me fez elaborar e relacionar, intrinsecamente, minhas relações com os signos de perda e ausência.

2 - SOBRE O CAMPO DAS ARTES VISUAIS

Este capítulo busca explorar as intersecções entre memória, autobiografia e práticas artísticas, enfocando como as experiências pessoais e familiares podem ser transformadas em obras de arte que dialogam com o coletivo. Através de uma análise profunda das memórias afetivas e da herança criativa transmitida pelas mulheres de minha família, principalmente pela minha mãe, examino como essas vivências influenciam minha prática artística e minha trajetória nas artes visuais fazendo a leitura de duas pinturas autorais. Além disso, investigo o papel da autobiografia como ferramenta formativa e de autoconhecimento no processo criativo, bem como sua

importância na construção de narrativas que ressoam tanto individual quanto coletivamente. Para contextualizar essa abordagem, apresento reflexões teóricas de autores como Gilbert Durand (1921-2012), Paul Ricoeur (1913-2005), Maurice Halbwachs e Pierre Nora, além de discutir o trabalho de artistas como Frida Kahlo (1907-1954) e Sonia Gomes (1948), cujas obras exemplificam a potência da memória e da identidade pessoal como fontes de criação artística.

2.1 - HERANÇA CRIATIVA

Cresci cercado por mulheres; mulheres pretas e criativas que acompanharam meus primeiros passos. Dentro desse aspecto familiar, as práticas com o bordado e com a costura eram recorrentes, já que minha avó era costureira. Ela fez todo o meu enxoval quando nasci, bordou meu nome e outras figuras de animais em cada peça. Essa herança foi passada também para a minha mãe, que tinha experiência com o bordado, o crochê e a costura. Esse trabalho, inclusive, acabou se tornando uma fonte de renda alternativa para nós. Além das duas, em uma família com seis irmãos (três homens e três mulheres), uma outra tia acabou desenvolvendo trabalhos rentáveis com práticas têxteis. Segundo o antropólogo francês Gilbert Durand (2006, p. 3):

Como é óbvio, não é nenhuma novidade, todas as culturas atribuem preferencialmente, ou mesmo obrigatoriamente, certas atividades a um sexo. Não cabe aqui analisar as razões desta repartição, nem os critérios que regem a sua variabilidade ao longo do tempo, entre as culturas e entre os grupos sociais, assuntos sobre os quais existe um sem fim de investigação em ciências sociais. O que é certo é que, no que diz respeito ao bordar, no mundo ocidental estamos hoje em dia nitidamente na esfera feminina.

Percebe-se, a partir da ótica de Durand (2006), que as experiências com linhas e agulhas geralmente são dominadas pelo sexo feminino, a exemplo do meu próprio núcleo familiar, onde a herança do bordado foi repassada entre gerações – avó, mãe e filha. Pouquíssimos homens se interessam por essa prática, visto a conotação e relação dessas habilidades às mulheres, resultando em uma visão deturpada de que as técnicas têxteis não são para os homens. Bom, isso foi repassado para mim

quando surgiu o interesse em aprender crochê. Minha mãe não me instruiu porque, segundo ela, não eram coisas para meninos.

Quando se foi, mãe me deixou como herança um saco e uma caixa cheia de seus projetos, alguns incompletos. No saco, havia linhas de crochê, miçangas, agulhas e todo o seu material de trabalho. Com a iniciativa do grupo Tramações e a temática desenvolvida neste ano, despertou-se novamente o interesse em me dedicar aos métodos com o bordado e todo o material que herdei dela. Apesar da sensibilidade de todo o processo de escrita e elaboração da obra, trazer para o projeto Tramações um assunto que aborda temas referentes às minhas dores me colocou em um lugar de questionamento e reflexão de como a ausência e o luto reverberam no meu caminho. Outro fator importante que contribuiu para minha produção foram os encontros e o ambiente confortável, livre de julgamentos, fator este que me permitiu acessar e criar junto à colaboração de todos os envolvidos do projeto.

Através dessa experiência, consegui enxergar o bordado como prática artística, significar o que antes era, para mim, uma fonte alternativa de renda e usabilidade, transformar e conceitualizar cada ponto dado, a escolha das cores, dos nós e dos caminhos percorridos pela linha. Pude ver, também, a possibilidade de expressar um sentimento tão íntimo através das vastas viabilidades que o material nos permite, construindo práticas e narrativas têxteis que dialogam intrinsecamente com minhas memórias e experiências. Por esse caminho iniciei minha jornada nas artes visuais, pautada nas minhas vivências enquanto indivíduo.

2.2 AUTOBIOGRAFIA NAS ARTES VISUAIS

A escrita de si é compreendida como processo formativo porque possibilita ao sujeito, autoconhecer-se, desalienar-se de si por meio da autorreflexão criando um campo para o estabelecimento de novas bases interpretativas para as práticas profissionais (CHAVES, 2018). É dentro desses aspectos que me torno protagonista dos meus projetos, e minhas vivências passam a ser objeto de estudo. A autorrepresentação me permite explorar os aspectos íntimos da minha identidade, possibilitando uma reflexão sobre o meu senso de si, uma viagem íntima e

introspectiva que contribui nos processos de amadurecimento. A pesquisadora Silvia Nogueira Chaves, explica que;

Tomar consciência implica em examinar-se, olhar para sua própria história como trajetória a ser desvelada, trazendo à tona algo que sempre esteve lá, mas que se desconhecia sobre si mesmo, que estava velado, encoberto por que não se dispunha de lentes adequadas para se ver. (CHAVES, 2018, p. 56)

Com isso, a autobiografia também acaba se tornando um processo de reconstrução de narrativas do passado a partir do presente. Com esse olhar, o filósofo francês Paul Ricoeur (1994) esboça em suas pesquisas que o senso de si pode ser refigurado pela aplicação reflexiva das configurações de narrativas. Sobre esse aspecto, o autor ainda cita que,

Como a análise literária da autobiografia verifica, a história de uma vida não cessa de ser refigurada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas. (RICOEUR, 1994, p. 425)

À vista disso, Ricoeur (1994) supõe que a identidade individual e coletiva é constituída partindo de uma vida examinada, uma vida explicada a partir das narrativas pessoais, históricas e culturais. Logo, entendo que as artes e todos os registros que fazemos, os processos criativos dentro das perspectivas autobiográficas se tornam ferramentas poderosas de mudanças e transformações no sentido de uma vida. Essa abordagem permite uma exploração profunda da subjetividade, da memória e da identidade. Introduzindo elementos da própria experiência de vida, memória e individualidade, os artistas exploram e comunicam aspectos pessoais e íntimos, criando uma ponte entre o individual e o coletivo.

Compreendo que nenhuma experiência é individual, isto porque, meu pensamento corrobora com as pesquisas do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), o qual no livro 'A memória Coletiva' já mostrava que as nossas percepções podem apoiar-se não somente sobre as nossas lembranças, mas também sobre as dos outros.

Desse modo, nossa confiança na exatidão dessas interpretações será ainda maior, como se essas memórias fossem revividas, não somente por um único indivíduo, mas por diversos outros. Com esse cenário, a autobiografia nas artes visuais não se restringe apenas à representação de experiências pessoais, mas se expande para um diálogo com o espectador, que é convidado a refletir sobre suas próprias vivências e a construir conexões entre as narrativas visuais e suas próprias memórias. Este processo é fundamental para a pesquisa artística, pois permite ao artista explorar questões complexas e íntimas que moldam sua visão de mundo e sua prática criativa.

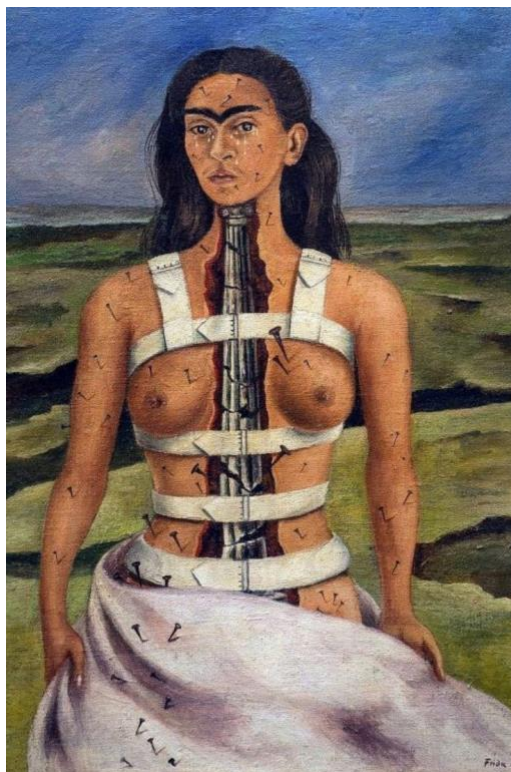
Um exemplo notável desta abordagem é o processo criativo exposto pelas obras da artista mexicana Frida Kahlo, uma vez que sua produção artística é influenciada por suas experiências pessoais de sofrimento e identidade. Ela disse: “Eu pinto a minha própria realidade”, ela disse. “A única coisa que eu sei é que pinto porque preciso, e pinto tudo que passa pela minha cabeça, sem levar nada mais em conta.” (HERRERA, 2011, p.8)

Frida nasceu em 6 de julho de 1907, na cidade de Coyoacán, México. “O que passava pela cabeça de Frida e na sua arte ensejou as imagens mais originais e dramáticas do século XX” (HERRERA, 2011, p. 8). Sua vida foi marcada por eventos dramáticos e experiências pessoais intensas que influenciaram suas produções artísticas. Kahlo veio de uma família de classe média, aos 21 anos se casou com o famoso muralista mexicano Diego Rivera (HERRERA, 2011).

Apesar de uma profunda conexão artística e intelectual com o seu marido, o seu relacionamento foi tumultuado, marcado por infidelidades e separações. Frida teve várias exposições importantes durante sua carreira, em 1938 teve sua primeira individual em Nova York, que foi um grande sucesso. A obra da artista é intensamente autobiográfica, refletindo suas dores físicas, emocionais e experiências de vida. Ela é conhecida por seus autorretratos que combinam realismo e simbolismo. Suas pinturas costumam explorar temas culturais, de gênero e identidade (HERRERA, 2011).

Como exemplo, podemos observar a obra 'A Coluna Partida', ilustrada pela Figura 5, uma das mais icônicas da artista, pintada em 1944, a Kahlo retrata-se com uma coluna danificada, fragmentada. Como podemos observar na imagem abaixo, a composição representa sua frágil condição após a artista, aos 18 anos, sofrer um grave acidente de ônibus.

Figura 5: Obra 'A coluna Partida', óleo sobre tela, 40x30cm. Frida Kahlo, 1944.



Fonte: Museo Dolores Olmedo en Xochimilco, México. Disponível em <https://www.wikiart.org/pt/frida-kahlo/the-broken-column-1944>. Acesso em 12 de agosto de 2024.

Observa-se que a pintura da Figura 5 é um autorretrato, pelo qual a artista se representa sozinha, nua da cintura para cima, com o torso aberto e a coluna partida. Ela está vestindo um espartilho de metal que lhe dá sustentação e que, na minha leitura, também simboliza a prisão de uma gaiola. É possível observar pelo desenho que lágrimas escorrem do seu rosto, entende-se aqui que este fato foi utilizado como meio visual para expressar seu sofrimento emocional e físico. Ao redor do seu corpo é possível enxergar pregos cravados na sua pele, sendo que esse elemento reforça a ideia de constante angústia e dores físicas. A arte entra nesse processo como ferramenta para expressar e processar as experiências traumáticas ao longo da vida.

No contexto da memória, também se destaca o trabalho da artista contemporânea brasileira Sonia Gomes. Sua obra explora raízes afro-brasileiras e sua identidade pessoal com composições têxteis. Os trabalhos de Gomes são feitos com tecidos antigos e usados, que ela transforma e decora com bordados e torções. Esses tecidos se tornam esculturas e formas que carregam memórias e refletem questões sobre identidade racial, conectadas à vida da artista. O pesquisador Alexandre Araujo Bispo (2015, s/n), escreve que “o trabalho de Sônia remete tanto às festas populares de matriz afro-brasileira [...] quanto às tradições africanas, cujo tecido é a base expressiva [...]”. A obra de Sonia Gomes é inseparável dos materiais que ela utiliza. Tecidos, rendas, cordas e outros objetos são, para a artista, mais do que simples materiais; são portadores de histórias.

Nascida em uma cidade conhecida pela produção de tecidos (Caetanópolis - MG), Sonia aprendeu a costurar com a avó, que a introduziu nas amarrações e traz uma forte influência no seu processo de criação. Após a morte da mãe, foi morar com sua família paterna e começou a aprender sobre bordados e rendas com eles, enquanto brincava. Ela começou a personalizar roupas, bijuterias e bolsas para vender. Formou-se em Direito, mas foi na arte contemporânea que encontrou seu caminho. Foi Indicada ao Prêmio Pipa³ em 2012 e 2016, seus trabalhos foram exibidos em diversos museus ao redor do mundo, como no Art & Textiles, na Alemanha (2013), o Museum of Modern Art Aalborg, na Dinamarca (2013) e o The National Museum of Women in the Arts, em Washington, EUA (2017). (Itaú Cultural)

O trabalho de Sonia Gomes vai além da sua expressão pessoal e está intimamente ligada à sua identidade como mulher afro-brasileira. Seu processo criativo dialoga com sua herança cultural. Muitas das peças que Gomes usa em suas obras vêm de roupas e tecidos doados por familiares e amigos, com marcas do tempo que carregam as histórias dos seus antigos donos. Ao trabalhar com esses materiais, a artista revive as memórias associadas a esses objetos, transformando-os em

³ O Prêmio PIPA é uma das principais premiações de arte contemporânea no Brasil, criado em 2010 por iniciativa da família PIPA e do Instituto Investidor Profissional. O prêmio visa reconhecer e apoiar artistas brasileiros em início ou meio de carreira que se destacam pela originalidade e relevância de seu trabalho.

narrativas visuais que falam sobre pertencimento, perda, memória e identidade. A exemplo, seu trabalho, na figura abaixo, intitulado “Magia”.

Figura 6: Obra “Magia”, costura, amarrações e tecidos diversos, 240 × 215 cm. Sonia Gomes, 2014.



Fonte: Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra72194/magia>>. Acesso em 12 de agosto de 2024.

A obra em questão é uma escultura têxtil, composta por uma combinação de tecidos, cordas, fios e outros materiais que são amarrados, dobrados e costurados para compor o trabalho. A composição é orgânica, carregada de irregularidades e fluidez, apresenta um movimento que chama atenção pelo seu aspecto visual e tátil. A obra pode ser interpretada pelo seu caráter afetivo, através das possíveis histórias que cada retalho presente carrega. Desse modo, a artista consegue, através de seus processos criativos, preservar memórias, narrativas pessoais e coletivas dos seus amigos e familiares.

Aproximando a proposta dessas artistas ao meu processo de criação, a autobiografia, nessa configuração, se estabelece partindo da intenção de preservar as narrativas de memórias e experiências de vida através da manifestação artística. Isso se faz necessário pois, no olhar de Nora (1993, p. 9):

a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto”. Contudo, a memória nem sempre será espontânea, por isso, “é preciso criar arquivos, manter datas comemorativas, pronunciar elogios fúnebres, organizar atas, porque essas operações não são naturais.

2.3 - MEMÓRIA

As memórias afetivas que guardo têm sido estímulos criativos para o desenvolvimento de meus trabalhos artísticos. Essas memórias geralmente são elaboradas sobre a primeira infância e florescem quando ocorre um disparo sensorial, podendo ser um cheiro, sabor, sonoridades ou recortes imagéticos de espaços/tempos que quando ressurgem à consciência provocam o sentimento de nostalgia, trazendo boas sensações. Freud (1856-1939), já discutia no seu livro *A interpretação dos sonhos* (1900) que muitas das nossas memórias, principalmente aquelas associadas a experiências afetivamente carregadas, podem ser reprimidas no inconsciente. No entanto, essas memórias continuam a influenciar nossos comportamentos, pensamentos e emoções de forma indireta.

Ao narrar minha história de vida, eu reconstruo a memória, selecionando e ordenando eventos e experiências que contribuem para a minha identidade atual. Maurice Halbwachs (1990), em sua teoria sobre a memória coletiva, destaca que a memória individual não pode ser dissociada do contexto social, pois é dentro de um grupo que os indivíduos recordam e dão sentido às suas experiências. Considerando as memórias individuais, o Halbwachs (1990, p. 54) aponta que:

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.

Dentro dessa perspectiva, os trabalhos artísticos que produzi até aqui, apesar de expressarem memórias pessoais, foram moldados e sustentados pelo grupo social do qual faço parte. Desse modo, acredito que essas obras ganham ainda mais sentido quando a elas são atribuídas a outros significados e sentimentos que nem mesmo foram pensados ou experienciados por mim. Halbwachs (1925), sugeriu que as memórias coletivas precisam de “quadros sociais” ou estruturas tangíveis para se manterem vivas. O autor demonstra que é impossível compreender o processo de evocação e localização das lembranças sem levar em conta os “quadros sociais” reais

que atuam como pontos de referência nesta reconstrução que denominamos memória.

Portanto, a arte, nesse sentido, materializa essas memórias, retratando objetos ou práticas que lembram os eventos, figuras e valores socialmente importantes. Ao compartilhar uma obra nas redes sociais, por exemplo, a arte se transforma em uma ferramenta essencial para construir e preservar a memória coletiva, ajudando a moldar a identidade de grupos ao capturar e perpetuar suas lembranças e valores compartilhados. Quando um trabalho tem essas características, se torna ainda mais interessante e abrangente, podendo ser interpretado de diversas formas, possibilitando e despertando várias sensações, até mesmo divergentes. Portanto, o papel social da arte se mostra primordial quando proporciona ao espectador uma experiência de identificação e pertencimento, construindo uma ponte que aproxima o indivíduo a uma vivência coletiva.

Segundo Pierre Nora (1993), os lugares da memória são meios que criamos para lembrar, como as fotografias, datas comemorativas, objetos, rituais ou eventos que encapsulam a memória de um grupo ou indivíduo. Esses lugares:

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação investe de uma aura simbólica. (NORA, 1993, p. 21)

Nora argumenta que, em uma era de globalização e de mudanças rápidas, a memória precisa ser fixada em lugares simbólicos, onde possa ser preservada contra o esquecimento. Esses lugares, que podem ser tanto físicos quanto emocionais, funcionam como âncoras que conectam o presente ao passado e que dão coesão à narrativa de vida.

Fundamentado a isso, percebo que as celebrações dos meus aniversários na infância foram marcadas na minha memória por conta dos rituais e significados afetivos para mim, ainda registrados em fotografias que concretizaram e preservaram essas lembranças. A exemplo, esses registros abaixo do meu aniversário de 4 anos.

Figura 7: Retrato de arquivo pessoal (2004)



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2024.

figura 8: Retrato de arquivo pessoal (2004)



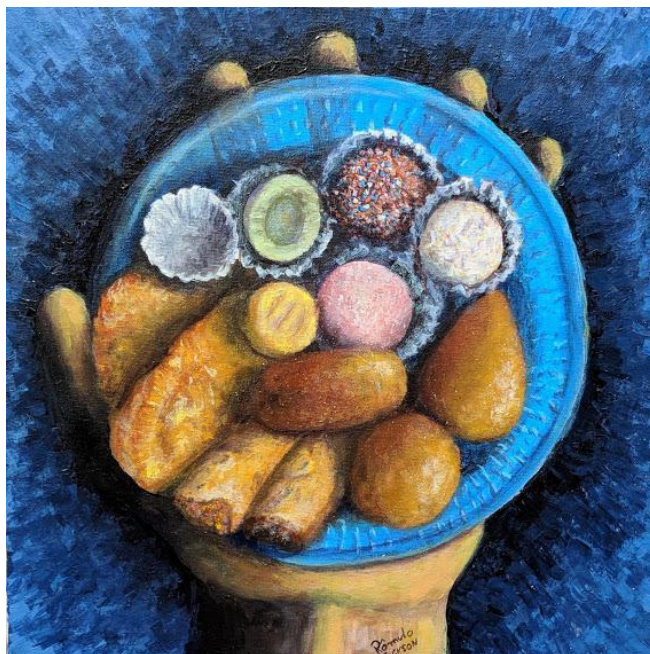
Fonte: Arquivo da pesquisa, 2024.

Dia 15 de setembro, é o dia que comemoro meu aniversário. Hoje não mais da forma que celebrava quando pequeno, mas tento não deixar essa data passar em branco. Acho importante que nesse dia estejamos juntos de pessoas que amamos, fazendo o que mais gostamos. Eu, por exemplo, adoro cozinhar junto com os meus amigos enquanto jogamos conversa fora. Cozinhar, inclusive, é pra mim umas das formas mais gostosas de partilhar e demonstrar afeto e quando isso acontece no seu aniversário se torna ainda mais especial. Nesse quesito tenho a sorte de ter nascido em território brasileiro porque é indiscutível que umas das melhores partes dos nossos aniversários por aqui, sem dúvidas, são os pratos que servimos na festa.

Esses fatos me fazem visitar as memórias que tenho dos meus aniversários na infância, onde os preparativos começavam dias antes da festa. Minha tia era a responsável pelo bolo, e ela caprichava, o bolo era feito numa forma grande e quadrada, cheio de glacê de açúcar feito no bico de confeitiro e provavelmente com minha foto sorrindo no papel arroz. Minha mãe ficava responsável pelos doces e salgados, e eu adorava ajudar ela nessa tarefa. Fazíamos juntos os salgadinhos de queijo, colocava a mão na mistura de manteiga, trigo e queijo ralado, até formar a massa para depois fazer os bolinhos, que na minha mão sempre saíam alguns maiores que os outros. E isso não era diferente quando ficava responsável para enrolar os brigadeiros. Tinha que ter o capricho porque, na época, quase toda comida servida no aniversário ficava exposta na mesa, junto com o bolo e as decorações. Tinha o duralex com os canudinhos de carne moída, o duralex com os brigadeiros e bem casados, a tupperware com os salgadinhos de queijo e a torre de beijinho, que era umas das protagonistas da mesa, junto com o bolo. O doce de coco enrolado no papel colorido de seda, montado numa torre vertical, me enchia os olhos.

O resgate dessas lembranças, a partir das fotos, inspirou a criação de dois trabalhos carregados de significados e referências importantes para mim. A primeira obra é uma pintura em acrílica sobre tela intitulada “Pratinho”, como podemos ver na ilustração abaixo, sua composição traz à luz da memória os doces e salgados servidos em pratinhos de plástico nas festas de aniversário.

Figura 9: Obra 'Pratinho', acrílica sobre tela, 30x30.



Fonte: Trabalho autoral, 2020.

Nesta pintura, apresento uma mão que segura um prato azul, cheio de doces e salgadinhos típicos da nossa culinária, temos coxinha, brigadeiro, canudinho e outras iguarias. O fundo é composto por pinceladas de tons azul, criando um contraste com o prato e destacando os elementos como foco principal da obra. Meu interesse com essa composição foi de preservar os momentos da memória de celebração da vida, os aniversários e os encontros com amigos e família. A mão segurando o pratinho sugere o ato de compartilhar, de generosidade e acolhimento. Esse é o pratinho que é preparado para levar para casa e dividir com pessoas que por ventura não puderam estar presente na comemoração. Essa obra foi exibida na exposição coletiva “Bloco do Prazer”, no Museu de Arte do Rio (MAR), entre Abril e Agosto de 2024. A exposição buscou investigar as festas e celebrações que configuram momentos de alegria, catarse, transe, desejo e gozo da cultura brasileira.

A segunda obra foi inteiramente inspirada nas fotografias do meu aniversário de 4 anos, com o tema do Bob Esponja, desenho animado que eu adorava assistir quando criança. Como podemos observar na ilustração abaixo, a composição de natureza morta traz alusões a uma mesa de aniversário dentro dessa temática.

Figura 10: 'Tempo Perdido', acrílica sobre tela, 50x70.



Fonte: Trabalho autoral, 2020.

Com essa composição, busquei retratar a atmosfera de uma festa infantil, trazendo as lembranças que evocam os sentimentos afetivos de nostalgia. A obra apresenta uma torre de beijinhos enrolados em papéis coloridos, um bolo partido com uma vela do caracol, um conjunto de balões e várias “sacolinhas” espalhadas pela mesa. Intitulada “Tempo perdido”, essa pintura indaga o valor do tempo, especialmente em contextos que podem ser vistos como efêmeros, relacionados à fragilidade das memórias associadas à infância.

Essas obras são um reflexo das minhas memórias e emoções. Cada detalhe, desde as cores até os objetos escolhidos, carregam um pedaço da minha história pessoal, que ao ser compartilhada, se transforma em parte da memória coletiva. Através da arte, consigo eternizar momentos que de outras formas poderiam ser esquecidos, e ao mesmo tempo, permitir que outros encontrem suas próprias histórias e sentimentos nessas composições. Assim, meu trabalho preserva minhas lembranças e convida o espectador a refletir sobre as suas, criando um espaço de conexão e entendimento mútuo.

3 - CAMPO DAS POSSIBILIDADES

Neste capítulo, exploro as possibilidades que a memória autobiográfica oferece nas artes visuais, a partir da minha prática artística. Investigo como a arte visual se tornou uma ferramenta crucial para expressar e explorar minhas lembranças, especialmente por meio de trabalhos que retratam a figura da minha mãe. Criei pinturas que retratam a ausência de meu pai, utilizando a arte para compartilhar e refletir sobre essa realidade. Ao expor essas obras no Dia dos Pais, uma data que pode intensificar a dor da ausência paterna, percebi como elas ressoam com outras pessoas que enfrentam situações semelhantes. O retorno que recebi de seguidores, através de comentários no instagram, mostrou como essas obras ecoam com experiências coletivas, analisando uma realidade comum em muitas famílias brasileiras. Assim, a arte se revela uma poderosa forma de expressão que abre espaço para discussões mais amplas sobre a paternidade e suas implicações na identidade e nas relações familiares.

3.1 POSSIBILIDADES DE CRIAÇÃO

Ao longo da minha pesquisa, percebi como as artes visuais se tornaram um meio essencial para explorar, elaborar e representar minha memória autobiográfica. Dentre todos os trabalhos que criei ao longo da graduação, as composições em que trago os retratos da minha mãe como referências são os mais íntimos e pessoais que produzi. Tratar desses temas, através da criação em Artes Visuais, se traduz para mim como um ato de coragem, me ponho vulnerável frente aos meus medos, inseguranças e desafios.

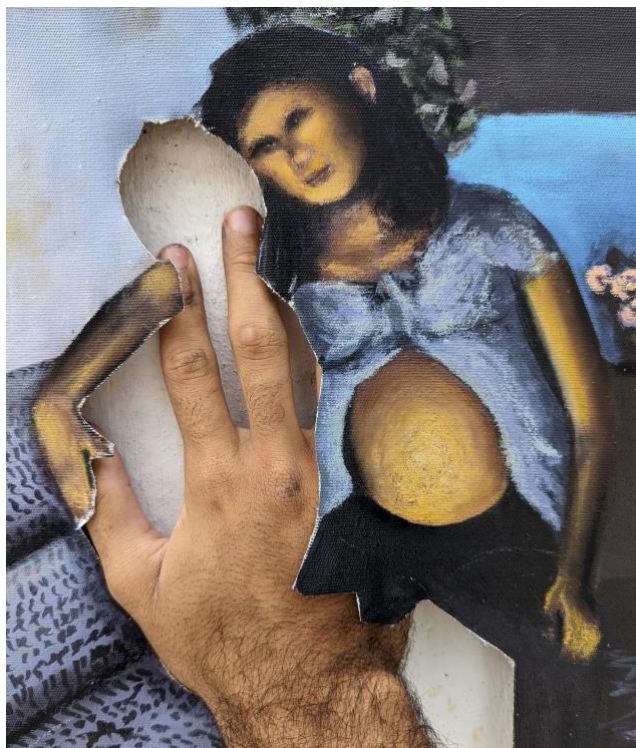
Com a inspiração do mesmo retrato que usei no projeto 'Tramações', criei uma pintura em acrílica sobre tela. Dessa vez, a ausência da figura paterna na composição não é preenchida, recortei o tecido da tela para ressaltar ainda mais essa ausência e isso não foi apenas uma escolha estética, foi uma representação simbólica da distância emocional que marca minha trajetória de vida até hoje. Podemos observar a pintura em questão nas imagens abaixo.

Figura 11: Obra "Sem título, acrílica sobre tela, 20x30."



Fonte: Trabalho autoral, 2023

Figura 12: Obra "Sem título, acrílica sobre tela, 20x30."



Fonte: Trabalho autoral, 2023.

Essa representação visual, onde minha mãe aparece sozinha na composição, evoca uma narrativa pessoal, mas que, ao ser compartilhada, ressoa em um público mais amplo. Portanto, apesar do receio e da exposição frente a um tema delicado para mim, resolvi compartilhar esses trabalhos no instagram. Postei as obras no dia 13 de agosto de 2023, dia que se comemora o Dia dos Pais no Brasil. Esse dia pode ser uma data de profunda sensibilidade para aqueles que têm um pai ausente, como eu, ou que nunca tiveram a oportunidade de conhecer o seu genitor

A ausência paterna, seja por abandono, falecimento, ou por circunstâncias alheias ao controle, transforma esse dia em um momento de reflexão e, muitas vezes, de dor silenciosa. Para alguns, a data pode despertar sentimentos de saudade, ressentimento, ou até mesmo de indiferença, dependendo da história pessoal. No entanto, também pode ser uma oportunidade para valorizar outras figuras que desempenharam papéis de cuidado e apoio, como mães, avós e tios.

Quando compartilhei esses trabalhos nas redes sociais, não imaginava a profundidade das conexões que surgiriam. Os comentários que recebi destacaram como essa imagem representava minha experiência individual e também dialogava com uma memória coletiva de ausência e abandono paterno. A arte, portanto, se apresenta como uma plataforma onde experiências pessoais se transformam em reflexões coletivas.

Através do apagamento da figura do meu pai, a obra questiona o papel da paternidade em nossas comunidades e levanta discussões sobre o impacto dessas ausências na formação de nossas identidades. Ao refletir sobre isso, percebo que a ausência do meu pai não é apenas uma lacuna na minha história, mas é também um tema recorrente em muitas narrativas familiares, tornando esse trabalho um meio poderoso de expressão e comunicação dessas experiências.

3.2 POSSIBILIDADES DA MEMÓRIA

A decisão da minha mãe de apagar a imagem do meu pai na foto original é um ato carregado de significado, que reflete as dores e os conflitos de uma relação difícil. Ao transformar essa decisão em uma pintura, estou preservando essa memória e

também dando a ela um novo contexto, permitindo que outras pessoas a vejam e a interpretem de maneiras diferentes. Os comentários que recebi na postagem ilustram isso. Quando uma pessoa mencionou que sua mãe havia feito o mesmo com as fotos do pai, vi como a memória, embora pessoal, pode ser compartilhada e ecoar em outras vivências.

A memória coletiva, nesse sentido, torna-se um campo fértil para a arte. Nenhuma experiência é completamente individual, nossas histórias estão entrelaçadas com as de outros, refletindo uma experiência humana mais ampla. Sobre isso, o Halbwachs (1990, p. 26) já nos contava que: “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós.”

No contexto brasileiro, onde o abandono paterno é uma realidade alarmante, entre janeiro de 2016 e agosto de 2024, dos 23,3 milhões de nascimentos, pouco mais de 1,2 milhões de bebês foram registrados somente com o nome da mãe. Esses dados são disponibilizados pela Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil), em seu Portal da Transparência⁴. Por tanto, a relevância dessa discussão é ainda mais relevante perante seu caráter de urgência.

Com o trabalho compartilhado no instagram, uma seguidora comentou que “A paternidade é um buraco em nossas comunidades. A gente tem tramado e seguido da forma que dá”. Outro comentário, sobre o mesmo trabalho, fazia referência à música “Naquela mesa” de Nelson Gonçalves, com trecho que diz “Naquela mesa tá faltando ele e a saudade dele tá doendo em mim”, o comentário destacou como a ausência paterna é uma dor compartilhada por muitos, reforçando a ideia de que a arte pode servir como um espelho onde coletivamente reconhecemos nossas perdas e lutas. Esses trabalhos, então, não foram apenas uma forma de expressão pessoal, se tornaram também uma ferramenta que levanta questões sociais e promove reflexões coletivas sobre temas importantes como esse.

⁴ Portal da Transparência - Registro Civil. Disponível em: <https://transparencia.registrocivil.org.br/painel-registral/pais-ausentes>. Acesso em: 19 de ago. de 2024.

Ao olhar para minha pesquisa e para o impacto que minhas obras têm tido, vejo que as possibilidades nas artes visuais e nos estudos da memória são imensas. Elas me permitiram explorar minha própria história e conectar essas experiências a um público mais amplo, criando diálogos sobre a ausência, a memória e as formas como lidamos com o luto e a perda em nossas vidas.

CONCLUSÃO

A pesquisa sobre a representação da memória autobiográfica em artes visuais foi uma oportunidade de aprofundar meu trabalho em "Apesar do que me resta" e "Acreditava em mim". Desde o início, minha abordagem envolveu a arte têxtil como meio de expressar minhas experiências pessoais, especialmente ligadas à memória e ao luto. Durante o processo, realizei a análise de duas obras autorais em acrílico e observei que minha jornada de vida, permeada por memórias, resultou em mudanças significativas para mim, tanto no aspecto artístico quanto no pessoal.

Revisitar memórias, em especial aquelas relacionadas à ausência, me fez entender melhor como essas vivências influenciam minha identidade e meu olhar artístico. A arte se tornou uma forma de expressar sentimentos que muitas vezes não consigo verbalizar. As obras que desenvolvi têm um caráter pessoal e permitem que o público também reflita sobre suas próprias experiências de perda. Além disso, este estudo contribui para o debate sobre memória e luto nas artes visuais, abordando esses temas de forma consciente e sensível.

Este trabalho possibilita uma conexão do público com temas de memória e luto de maneira acessível e direta. A pesquisa mostrou como a arte pode ser eficaz para expressar memórias e sentimentos, intensificando a expressão poética e emocional por meio das técnicas e materiais utilizados. Destaca-se também que os processos aqui descritos apresentam uma dimensão crítico-social significativa, pois tratam de temas e assuntos recorrentes nas relações interpessoais. A continuidade dessa pesquisa foi importante para ampliar meu repertório criativo, oferecendo novas abordagens para futuras obras.

Nessa pesquisa decidi me aprofundar na minha prática artística e poética porque queria entender melhor como as minhas memórias poderiam ser transformadas em arte. Mas, a temática abordada aqui carrega um grande potencial educativo, principalmente no ensino não formal. Os assuntos que explorei aqui podem dialogar diretamente com as perspectivas de ensino e aprendizagem, principalmente quando se aborda o luto e outros sentimentos difíceis de expressar. Dessa forma, vejo que minha pesquisa pode contribuir para projetos que incentivem o autoconhecimento e

desenvolvimento emocional através da arte-educação e que as discussões educacionais serão um desdobramento possível em novas oportunidades de investigação.

O conhecimento adquirido ao longo deste processo enriquecerá minha prática artística, permitindo a criação de obras que ressoem com minhas vivências e sentimentos. Espero que este trabalho possa inspirar outros artistas e pesquisadores que, assim como eu, buscam explorar a relação entre suas vivências e a criação artística. Acredito que minha pesquisa pode abrir caminhos para novos estudos e práticas, mostrando que a autobiografia é uma ferramenta poderosa para criar obras que dialogam com a experiência do artista e do público.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Joe Nicolai de; LOPONTE, Luciana Gruppelli. As mãos de ouro de Sônia Gomes: costura e memória. **ArteVersa**, 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/arteversa/as-maos-de-ouro-de-sonia-gomes-costura-e-memoria>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

ARTE EDIÇÕES. *Biografia de Sonia Gomes*. Arte Edições. Disponível em: <<http://www.arteedicoes.com.br/sonia-gomes>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

BISPO, Alexandre Araújo. **Mãos de ouro: a tecelagem da memória em Sônia Gomes**. In: O Menelick. Disponível em: <<http://www.omenelick2ato.com/artes-plasticas/213>>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.

BORRE, Luciana; SILVA, Maria Betânia e; COSENTINO, Ana Carolina. **Tramações: narrativas têxteis e memoriais**. Recife: Editora UFPE, 2024.

BOWLBY, John. **Apego**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

BROTTO, P. T. F. **Quando o medo de perder se torna irracional e anula nossa vida?** Disponível em: <<https://www.psicologo.com.br/blog/medo-de-perder/>>. Acesso em: 18 maio 2023.

CHAVES, Sílvia Nogueira. Da tomada de consciência à invenção de si: uma trajetória na pesquisa narrativa e autobiográfica. In: FEITOSA, Raphael Alves; SILVA, Solonildo Almeida da (Org.). **Metodologias emergentes na pesquisa em ensino de ciências**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <<https://www.editorafi.org/365metodologias>>. Acesso em: 12 de Agosto de 2024.

DURAND, J.-Y. **Bordar: masculino, feminino**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5480/3/BORDAR.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2023.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. [s.l.] São Paulo: Vértice Ed. Revista Dos Tribunais, 1990.

Herrera, Hayden: **Frida: a biografia**. São Paulo: Globo, 2011.

ITAÚ CULTURAL. **Sonia Gomes**. *Enciclopédia Itaú Cultural*, 2024. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa330138/sonia-gomes>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. p.7-28, 1993.

NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire:** La République. Paris: Gallimard, 1984.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** v. 1. Campinas: Papirus, 1994.

SAMPAIO, Juliana de Arruda. **Sonia Gomes.** *35ª Bienal de São Paulo*, 2023. Disponível em: <<https://35.bienal.org.br/participante/sonia-gomes>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

SILVA, Rômulo Jackson. Apesar do que me resta. In: BORRE, Luciana; SILVA, Maria Betânia e; COSENTINO, Maria Carolina. **Tramações:** narrativas têxteis e memoriais. Recife: Editora UFPE, 2024.